

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE MEDICINA

DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

VITOR DE OLIVEIRA MOURA

POLÍTICA DO CUIDADO, CUIDADO COMO POLITICA

Uma Jornada no Movimento Estudantil

RIO DE JANEIRO-RJ

2018

VITOR DE OLIVEIRA MOURA

POLÍTICA DO CUIDADO, CUIDADO COMO POLITICA

Uma Jornada no Movimento Estudantil

MONOGRAFIA APRESENTADA AO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
DA FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
COMO REQUISITO PARA A OBTENÇÃO DE GRAU
DE BACHARELADO EM TERAPIA OCUPACIONAL.

ORIENTADORA: DRA SAMIRA LIMA DA COSTA

RIO DE JANEIRO-RJ

2018

Resumo

O presente trabalho busca refletir a respeito de como a participação no Movimento Estudantil (ME) se relaciona com a formação em Terapia Ocupacional, considerando esta uma graduação que tem como objetivo formar profissionais do cuidado. Busco aqui, principalmente, entender que possíveis reverberações a militância no ME pode ter no corpo do futuro profissional de Terapia Ocupacional. Para tanto foram investigados os conceitos de cuidado e de participação social, entendendo que os mesmos estão profundamente ligados à formação em Terapia Ocupacional mas, também ao movimento estudantil. O recurso utilizado foi o diário remissivo de memórias, no qual, a partir das minhas memórias ao longo da graduação, identifiquei cenas que, enquanto militante do movimento estudantil, de alguma forma me remetesse também, à minha formação, e vice versa – cenas da formação que remetesse à experiência de militância. Em seguida, essas cenas – fragmentos de memória - foram analisadas. Com isso, este estudo busca contribuir para ampliar a discussão acerca da formação da militância para o cuidado e para a participação social, como também sobre o papel do movimento estudantil na participação social e no cuidado dentro da universidade.

palavras-chave: movimento estudantil, Cuidado, Participação Social, Terapia Ocupacional.

Nessas áreas do inutensílio.
Há vida além da tirania do
lucro e da utilidade.

Ao brincar e jogar, estamos
salvos e livres. E de volta.

Para o zen, é na própria vida
cotidiana que está o segredo

É preciso resgatar a grandeza
Infinita dos gestos simples e
“elementares”. Cuidar da vida.
Curtir a minúcia. Lavar a própria
roupa, a louça, arrumar a casa
fazer a sua comida, tomar banho
como quem realiza um ato sacro
recuperar o prazer da prática dos
atos primários.

dá trabalho

mas, para brilhar, as estrelas têm
que arder até seu glorioso fim.

(Paulo Leminski)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. INTRODUÇÃO.....	7
2.1 O Movimento Estudantil	7
2.2 Participação Social e cuidado na perspectiva da Terapia Ocupacional.....	9
2.3 JUSTIFICATIVA	11
2.4 OBJETIVOS	12
3. METODOLOGIA.....	13
4. APORTE TEÓRICO	14
4.1 Cuidado Integral e formação em Terapia Ocupacional	14
4.2 Movimento estudantil e participação social	17
5. Análise e discussão dos resultados.	20
5.1 1ºAto: saída da carteira para o movimento.....	21
5.2 2ºAto: dentro do novo mundo	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
7. BIBLIOGRAFIA	38

1. APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, proponho discutir de que modos a participação no movimento estudantil tem reflexos na formação acadêmica, enquanto universitário de um curso do cuidado; na atuação, enquanto profissional de Terapia Ocupacional (quase formado); e na vida, enquanto cidadão. Faço a escolha de escrever na primeira pessoa por dois motivos. O primeiro é porque utilizo de minha própria experiência, enquanto estudante e membro do movimento estudantil – entendendo que, se por um lado há riscos, por estar no papel de pesquisador e de objeto a ser investigado, por outro não há lugar melhor para enxergar as pistas da trilha que pretendo investigar. Neste sentido, me aventuro no uso da cartografia como metodologia de pesquisa. O segundo motivo é por entender que um pesquisador, por mais que se esforce, nunca será imparcial dentro de uma pesquisa. Assim sendo, me sinto confortável em fazer essa discussão a partir das minhas próprias experiências dentro do movimento estudantil, apresentando as reflexões em primeira pessoa.

Entretanto, é preciso primeiro entender como cheguei a essa temática. O início da minha participação no movimento estudantil se deu ainda no ensino médio, mas foi na graduação em Terapia Ocupacional que eu teria o maior contato com o movimento e entenderia sua importância, dado o contexto histórico que vivemos neste período. Realizei minha formação entre os anos de 2014 e 2018, passando por greves estudantis, de professores, técnicos, funcionários terceirizados e servidores públicos nos campos de estágio. Entendo todos estes movimentos como experiência de formação política pela defesa de direitos – política em sua concepção ampla, e não com recorte partidário – cuja culminância se deu no ano de minha conclusão do curso, 2018, quando fui presidente do Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional da UFRJ.

Ao contrário do que poderia parecer, porém, ocupar este lugar não foi uma decisão repentina, nem um passo óbvio em minha trajetória. Passar por todas essas experiências políticas na universidade me fizeram refletir se estar nesse espaço de militância contribuiria para minha atuação como Terapeuta Ocupacional. Seria uma perda de tempo? Estaria apenas me distraindo e atrasando minha formação profissional? Ou seria esta uma formação necessária, para o Terapeuta Ocupacional que desejo ser? Para adentrar tais reflexões, me inclinei em compreender o que é o movimento estudantil, qual sua relevância, e de que modos

a participação política neste movimento produz em mim um outro corpo, um devir Terapeuta Ocupacional engajado orgânica e criticamente com os temas dos direitos coletivos.

Mas o que é o movimento estudantil? De fato, no Brasil a maior atuação do movimento estudantil aconteceu no período da ditadura militar, como explica Santana (2007,p.9): "O movimento estudantil teve um importante papel no cenário brasileiro entre 1964 e 1984, pois lutou intensamente contra as arbitrariedades cometidas pela ditadura no âmbito político, social, econômico e educacional". Por isso, eu entendia que o movimento estudantil tinha se enfraquecido ao longo do tempo, já que não via mais, grandes passeatas ou grandes atos convocados pelos estudantes.

Mas havia exceções, como em 2013, quando concluí o Ensino Médio e pude participar dos protestos pelas ruas do país, que se iniciaram pela discussão sobre a redução da tarifa de ônibus em São Paulo, e que acabaram se desdobrando em um movimento muito maior. Os efeitos deste movimento ainda hoje podem ser sentidos, como o fortalecimento de mídias alternativas que buscam promover uma outra visão dos fatos que não a da grande mídia – exemplo disso é o blog Mídia Ninja que se fortaleceu muito, transmitindo os protestos e ainda hoje mantém uma forte atuação.

Ainda assim, por parecerem situações pontuais, era muito difícil pra mim entender a importância desse movimento. Foi só a partir da atuação no movimento estudantil que passei a entender e participar de sua história na TO, na UFRJ e no Brasil.

E foi a partir de reflexões ao longo de minha formação que fui elaborando a hipótese de que a formação para o cuidado, na maneira como eu o concebo, requer um corpo inclinado à defesa de direitos coletivos; e que a militância nesta defesa se apóia e demanda, necessariamente, experiências e aprendizados acerca do cuidado.

2.INTRODUÇÃO

2.1 O Movimento Estudantil

A história do movimento estudantil, como já dito, está ligada diretamente ao regime militar que se implantou no Brasil a partir do ano 1964. Os estudantes rapidamente enxergamos perigos do golpe à democracia e da instalação de um regime militar ditatorial. Organizaram resistência e foram perseguidos, torturados, exilados e mortos; a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi queimada, houve contínua perseguição dos estudantes durante o período ditatorial (CAVALARI, 1987). Rosa Maria Feiteiro Cavalari, em sua dissertação de mestrado ‘Os Limites do Movimento Estudantil – 1964 – 1980’, traz relatos sobre as invasões pela força policial na Universidade de Brasília (UnB), demissões e exilamentos de professores, prisões, desaparecimentos e mortes. O contexto sócio-político que se vivia na época era tenso, no país e no mundo, e neste cenários estudantes foram capazes de se organizar frente a esse regime. Os estudantes, junto com os intelectuais de esquerda, foram de fundamental importância na redemocratização do Brasil (CAVALARI, 1987).

Contudo, mesmo durante a ditadura militar o movimento estudantil não utilizou de uma estratégia de luta única e contínua; passou por diferentes fases, de acordo com o momento pelo o qual o país passava. Muitos autores fazem diferentes divisões desse período; aqui vamos usar a divisão proposta por Santana (2007), que dividiu a atuação do movimento estudantil nesse período em três partes: a “Resistência”, que durou de, 1964 a 1968, marcada pela rearticulação e luta, logo após o golpe; o “Silenciamento”, que aconteceu entre 1968 e 1975, logo após o AI-5, que foi um período de fechamento do regime militar no qual os estudantes buscavam outras formas de organização, silenciosa e clandestina, para tentar enfrentar o aumento da escalada da repressão; e a “Retomada”, que aconteceu entre os anos de 1975 a 1984, marcada pelos grandes atos nos quais o movimento volta à cena, não só para combater o regime, mas também pedindo a anistia para aqueles que foram perseguidos pela ditadura. Essa divisão nos ajuda a entender que, mesmo no período de maior atuação do movimento estudantil no país, o mesmo também passou por diferentes fases.

Como vimos, o movimento estudantil foi muito atuante e importante no passado; mas, e hoje, como ele se encontra? A minha primeira impressão, assim que entrei na universidade, era de um movimento estudantil enfraquecido, que não lembrava nem de longe o do passado

com suas lutas, conquistas e *revolucionário por essência*. Entretanto, é justo este o pensamento que pode nos paralisar. Afinal, devemos mesmo comparar dois momentos tão distintos da história? E ainda: existe mesmo uma *essência revolucionária* no movimento estudantil?

Para ajudarmos a responder essas perguntas usaremos o escritor Martins Filho que, em sua obra “Movimento Estudantil e Ditadura Militar 1964-1968”, nos aponta que “é impossível atribuir à participação do estudante um caráter genérico e imutável, conferindo conteúdos e objetivos permanentes” (MARTINS-FILHO, 1981, p.137). E completa, afirmando a necessidade de “examinar e analisar concretamente a atuação estudantil em cada conjuntura histórica, para entender os diferentes conteúdos e formas que assumem as mobilizações estudantis” (MARTINS-FILHO, 1981, p.137).

Diante disso, entendemos que o movimento estudantil não pode ser analisado fora de seu contexto histórico. Em 1964 era preciso aquele tipo de intervenção, com grandes atos e passeatas. No momento em que cheguei à universidade, o movimento dispunha de outras ferramentas, como a internet, e participava de lutas muito mais pulverizadas, sem um grande inimigo em comum. Por isso, muitas vezes o movimento estudantil parecia não mais tão atuante quanto no passado. Mas fui percebendo que ele continua existindo e atuando, só que em consonância com seu tempo e contexto.

Uma prova de que o movimento estudantil ainda existe e está mudando de acordo com o tempo, foi o que aconteceu no final de meu primeiro ano na universidade, em 2014, quando se iniciaram as ocupações das escolas públicas de ensino médio em São Paulo. Como conta Sarah Fernandes para o site de mídia alternativa Rede Brasil Atual, naquele momento, os estudantes secundaristas decidiram, em assembléia, ocupar a escola como forma de protesto contra as medidas de reorganização escolar do Governo estadual de Geraldo Alckmin. Depois da ocupação da primeira escola, a Escola Estadual de Diadema, a informação foi difundida por meio das mídias sociais – na época principalmente o “Facebook” – e então outras escolas aderiram ao movimento; assim ocupações se deram por todo o país, em escolas e universidades. A difusão das ocupações chegou a tal ponto que atingiu, no auge do movimento, um total de 171 universidades e mais de 1000 escolas. As reivindicações se modificaram ao longo das ocupações; se no começo elas estavam restritas à situação de São

Paulo, com o aumento das ocupações elas passaram a ser mais gerais. O alvo dos protestos, neste segundo momento, foi a reforma do Ensino Médio, previsto na Medida Provisória (MP) 746 e contra a Proposta da Emenda Constitucional (PEC) 55, que previa a limitação dos gastos em educação. Essas medidas foram aprovadas e estão em vigor hoje, mas esse movimento deixou bons frutos. Exemplos disso é que a primeira escola ocupada (Estadual de Diadema) conquistou a abertura da escola aos finais de semana para um curso pré-vestibular gratuito, a construção de um grêmio estudantil, participação estudantil no conselho gestor da escola. (FERNANDES, 2016)

Para tanto, os atos, protestos e passeatas são apenas ‘a ponta do iceberg’. Até chegar lá, há muita articulação e debates a respeito dos temas a serem combatidos ou defendidos. Os atos são esporádicos, mas o movimento é construído todos os dias, dentro dos coletivos. Esse é um dos aspectos mais importantes de qualquer movimento social: o coletivo, a união de pessoas em busca do propósito de melhorar suas condições de vida, a organização social diante de ameaças a direitos conquistados, ou frente a demandas em comum.

2.2 Participação Social e cuidado na perspectiva da Terapia Ocupacional.

Como vimos anteriormente, o que eu considero mais importante no movimento estudantil é o que acontece antes dos grandes atos, que é a construção desses atos. Estar em um coletivo, discutindo uma mesma temática, e com pessoas que passam pelas mesmas situações que eu, me fazia sentir parte de um grupo e isso era muito importante para mim. Pensando nisso, foi se tornando relevante indagar sobre esta formação, o que me levou a construir algumas das perguntas que apoiam esta pesquisa: “qual é a importância da participação social no âmbito do movimento estudantil?”, “como essa participação foi produtora de cuidado?” e “como eu, enquanto terapeuta ocupacional em formação, enxergava todas essas temáticas e as relações entre elas?”.

Primeiro é preciso entender como um terapeuta ocupacional pensa a participação social.

Se olharmos o documento “Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo, 3º ed”, vemos que o mesmo descreve a participação social como umas das ocupações presentes na vida das pessoas: “A Estrutura identifica uma ampla gama de

ocupações classificadas como atividades de vida diária(AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer e participação social”(AOTA, 2015,p.6).

Fazendo um enfrentamento a esta proposição, no presente estudo vamos trabalhar com uma concepção mais central da participação social para a terapia ocupacional. Assim, tomo a participação social como eixo central e organizador da vida, partindo da concepção apresentada por Costa e Castro-Silva (2015,286), na qual a participação social é “toda possibilidade de atuar socialmente, criada, conquistada, negociada e inventada no coletivo; a participação social seria, portanto, o próprio exercício da convivência e da vida coletiva”. Nesta concepção, a participação social não seria uma das possíveis ocupações na vida dos sujeitos e coletivos, mas o eixo que produz sentido às ocupações, e as ocupações são o meio pelo qual a participação social se dá.

A partir desse primeiro entendimento, já podemos compreender quais relações existem entre a participação social, a militância e as ocupações, já que as ocupações, enquanto principal área de estudo e intervenção da terapia ocupacional, são os modos pelos quais os sujeitos e coletivos se organizam e participam socialmente.

Após compreender a relação entre a terapia ocupacional e a participação social, também é necessário vislumbrar como a mesma pode contribuir para o cuidado. Entendendo a participação social como eixo central das ocupações possíveis dos sujeitos, e a terapia ocupacional como uma profissão que tem como objetivo intervir nas e por meio das ocupações para garantir uma maior qualidade de vida, verifica-se que, ao promover participação social e apropriação do mundo e da vida por meio das ocupações e seus múltiplos sentidos, o terapeuta ocupacional se coloca como profissional do cuidado. E, neste sentido, cabe destacar o terapeuta ocupacional que acredito, e que busco me constituir: não um profissional voltado para o cuidado individualizado apenas, centrado no sujeito; nem voltado para a aquisição de habilidades que sustentem ocupações por si só. Mas sim um profissional que possa ver nos sujeitos suas multidões, suas multiplicidades; na participação social a visibilização de sujeitos, mundos e redes; e nas ocupações seus sentidos mais amplos, criativos e belos, suas possibilidades de construir mundos e inventar futuros possíveis. É neste

sentido que vejo na terapia ocupacional uma profissão que me forma para o cuidado e que, na militância, se forma.

Em virtude dessas afirmações, podemos compreender algumas das possíveis relações que existem entre essas temáticas. Mesmo que ainda em análise inicial, temos pistas da relação que será construída ao longo deste trabalho, e para isso foi fundamental esclarecer os pontos anteriormente citados.

2.3 JUSTIFICATIVA

A relevância deste estudo se caracteriza principalmente pelo fato de ser o Movimento Estudantil um campo fértil para o aprendizado da participação social por meio da militância na defesa de direitos coletivos. Além disso, por ser um espaço-tempo que reúne jovens em torno de reivindicações coletivas, é também onde se expressam sofrimentos comuns e se aprende, no fazer cotidiano, certa política do cuidado.

Ainda assim, não são comuns trabalhos acerca deste tema. Assim, este estudo também justifica a sua importância pelo fato de existirem poucos trabalhos relacionando a temática da formação em Terapia Ocupacional e o movimento estudantil. Prova disso é que, durante a realização desse trabalho, não foram encontrados outros estudos relacionando as temáticas aqui abordadas. É importante buscarmos entender como a formação acadêmica se dá, pelos mais diversos ângulos.

A militância toma uma grande parte da vida das pessoas que se permitem estar nesses espaços de debate e de construção de ideias. Assim, tornou-se muito importante pra mim, entender se todo esse tempo entregue à militância também teria reverberações na minha vida enquanto profissional. Eu já tinha a convicção de que as lutas do movimento estudantil teriam benefícios diretos na minha vida enquanto estudante e cidadão, mas nunca estive claro como participar desses espaços de debate coletivo e luta por direitos, iria contribuir para minha atuação enquanto Terapeuta Ocupacional. Este trabalho vem para organizar e tentar pensar que tipos de contribuições a participação no movimento estudantil tem, na prática do terapeuta ocupacional.

Em consonância com essa afirmação, o maior entendimento sobre como se relaciona uma formação que visa o cuidado e o movimento estudantil, pode proporcionar novos caminhos, tanto na construção de um movimento estudantil mais preocupado em cuidar,

quanto em uma formação na área do cuidado mais reflexiva quanto às questões sociais e políticas, assim como também possibilitando estratégias mútuas de cuidado e luta.

2.4 OBJETIVOS

2.4.1 Objetivo geral

Discutir como a participação no movimento estudantil se relaciona com a formação e a atuação em Terapia Ocupacional enquanto profissão do cuidado.

2.4.2 Objetivos secundários

Discutir como a participação social pode ser influenciada pela participação em movimento estudantil e militância.

Analisar como a formação em Terapia Ocupacional possibilitou novos modos de estar no movimento estudantil e de que modo isso foi produtor de cuidado.

Compreender como a participação no movimento estudantil possibilitou um olhar para um cuidado ampliado.

3. METODOLOGIA

Este estudo tem caráter qualitativo, no qual pesquisador e objeto se atravessam. A cartografia, enquanto avesso do método, foi o caminho que percorri para investigar minha trajetória durante a graduação e a militância. A cartografia, embora possa ser vista como “método”, não se propõe a ser. Olhando com mais precisão, entendemos que a cartografia é o lado avesso do método, uma vez que sugere sua inversão, um hodos-meta, ou seja: um caminho que se faz ao caminhar e, ao final, nos revela a meta, ao mesmo tempo traçada e alcançada.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) afirmam que a cartografia promove o que chamam de uma reversão metodológica: transformar o “meta-hodos” (etimologia de método) em “hodos-meta”, aquilo que se constrói continuamente na caminhada da pesquisa. Estes autores explicam que “metá-hodos” significa: metá = reflexão, raciocínio, verdade + hodos = caminho, direção. Com essa reversão metodológica, Passos, Kastrup e Escóssia (2009) estimulam que a caminhada, isto é, o processo de pesquisa, não seja apenas o meio para alcançar as metas, mas que tenha relevância em si; que no processo de caminhar sejam traçadas e retraçadas as metas, tornando-se “hodos-meta” (WEBER, GRISCI e PAULON, 2012, p 849).

Assim, tomo a cartografia enquanto esse método de pesquisa às avessas, que “consiste no acompanhamento de processos” (Kastrup, 2009) a partir de pistas registradas no corpo do próprio pesquisador.

A ideia da cartografia surge, inicialmente, na geografia, ligada à produção de mapas de espaços físicos. Kastrup e Passos (2009), apoiados no referencial de Deleuze e Guattari, apresentam a cartografia sob outra perspectiva: a produção de mapas de territórios existenciais, trilhados nos e por corpos sensíveis, e revisitados pelas pistas deixadas pela experiência. Se estou aqui propondo mostrar como se deu o meu caminho na graduação, afim de entender possíveis desdobramentos na atuação enquanto terapeuta ocupacional, nada melhor que uma metodologia de pesquisa que surge na geografia, e que tem como função criar mapas. Porém, aqui não criei um mapa geográfico, não houve a pretensão ou a tentativa de reproduzir um território físico. Antes, o propósito foi criar um mapa das experiências e de suas marcas sutis em meu corpo.

Esse mapa foi sendo gerado a partir de um diário remissivo das minhas memórias, enquanto participante do movimento estudantil na universidade, muitas vezes ilustradas ou animadas por fotografias de cenas, situações e intensidades. Por meio da análise desse material, foi possível a criação desse mapa - um mapa da experiência em mim.

Ou seja: o método se organizou a partir da produção e análise de trechos do meu diário de memórias. A partir das pistas que foram surgindo dessa análise, me coloquei a ouvir as narrativas de meu corpo e a discutir, refletir, descrever e coletivizar a minha experiência.

4. APORTE TEÓRICO

Neste capítulo busco aproximar o leitor de alguns conceitos, importantes orientadores da leitura, e que vão fundamentar a discussão teórica do tema.

4.1 Cuidado Integral e formação em Terapia Ocupacional

No decorrer deste trabalho, em vários momentos o cuidado vai estar em um lugar de destaque e centralizando a discussão. Entretanto, quanto trato do cuidado no presente estudo, estou falando de uma definição em específico, o Cuidado Integral, que é uma perspectiva ampliada do cuidado, e que não está ligada diretamente à área da saúde, sendo utilizada em larga escala também em campos como a educação e a assistência social. Mas, também estou falando de um recorte, de como os Terapeutas Ocupacionais enxergam o cuidado em sua formação.

A Terapia Ocupacional nasce enquanto profissão a partir de práticas de cuidado. Nós podemos identificar o viés do *cuidado* em sua origem remota, no tratamento moral, no qual se buscava alternativas ao tratamento de pacientes que sofriam em manicômios durante o século XIX, por meio do uso de atividades. Também há a perspectiva do *cuidado* quando vemos suas bases no movimento inglês surgido no final do século XVIII, ArtsandCrafts (‘Artes e Ofícios’), que investia na ressignificação das ocupações para pessoas que estavam em situação não produtiva para a lógica capitalista da época e buscava, por meio das atividades, um retorno às suas ocupações tradicionais. Do mesmo modo, no momento histórico em que estas situações pregressas se constituíram no nascimento formal da profissão, no período entre-guerras, há também a intenção do *cuidado*, tanto no investimento em reabilitação de soldados feridos e em sofrimento pós-guerra, quanto nas habilitações de novos contingentes para o mercado de trabalho.

Assim, não podemos pensar em uma Terapia Ocupacional que não busque o cuidado, esta é uma formação que necessariamente aponta para isso, assim como cita Galheigo e Angeli:

A dimensão do ensino e da formação de terapeutas ocupacionais para o trabalho (...) traz em seu bojo um conjunto de desafios. Na graduação, um dos mais importantes é o de formar

profissionais que estejam capacitados para identificar, de forma compreensiva, as necessidades e demandas dos usuários e de sua rede social. Ademais, espera-se que, de posse dessas informações e do conjunto de tecnologias de cuidado adquiridas durante sua formação, estudantes consigam elaborar e implementar estratégias de ação sensíveis, pertinentes e contextualizadas (GALHEIGO e ANGELI, 2008 p.130).

Ao longo da formação em Terapia Ocupacional, para além de aprendermos técnicas de intervenções clínicas, construímos um olhar preocupado com as questões do outro; para tanto, é preciso aprender a estar com os sujeitos de nossas intervenções e compreender suas potencialidades, dificuldades e seu contexto, para além do que está expresso enquanto problemática. Para essa formação, é preciso entender o sujeito a ser cuidado como produtor de sua própria vida, e como protagonista da intervenção, concordo com Galheigo e Angeli quando colocam.

... produção de saúde, aqui, é compreendida pelo permanente movimento de invenção de si e do mundo, de modo que as perdas, as rupturas e os processos de adoecimento possam ser vividos como parte da processualidade própria do viver. Neste sentido, o terapeuta pode problematizar, vivenciar, cuidar com a pessoa sob sua atenção da expressão de seus desejos, angústias, ansiedades mapeando seus limites e potencialidades.” (GALHEIGO e ANGELI, 2008 p.130).

Espera-se então que os profissionais formados em Terapia Ocupacional, para além de se tornarem conhecedores de técnicas de intervenção eficazes, sejam capazes de produção criativa de um cuidado sensível, que possa oferecer para além de técnica na sua intervenção, possibilidades de um cuidado mais pautadas no campo dos afetos e das trocas. Porém durante a minha formação, apesar de entender que sempre houve uma preocupação para formar esse profissional do cuidado descrito acima, foi se mostrando inegável que a academia valoriza muito mais a formação de um profissional especialista, com alta valorização da técnica. Todas as tentativas de criar profissionais mais sensíveis são tentativas de criar buracos no muro.

Buracos esses que precisam ser construídos através do diálogo e da experiência. É preciso ter espaços para falar sobre outras possibilidades de cuidado, além de espaços para cuidar e ser cuidado dentro da formação. Mas, será que de fato entendemos o que é cuidado?

De fatos vemos o cuidado o tempo todo, somos cuidados e cuidamos ao longo de toda a nossa vida, a mãe cuida do filho, o namorado da namorada, o neto da avó. Nossa sociedade foi baseada na interdependência, só chegamos aqui de fato porque percebemos que precisávamos uns cuidar dos outros talvez por isso paramos tão pouco para refletir o que é

cuidado, pois para nós parece que existe um conhecimento quase ‘intrínseco’ do que ele é. Contudo, pensar sobre um assunto faz com que você mude seu entendimento sobre ele e ganhe novas perspectivas; e é pensando nisso e que aqui convoco nos a refletir sobre isso. Em primeira à análise vamos, tentar entender a palavra pelo seu sentido etimológico como proposto por Ballarin, Carvalho e Ferigato (2010) que colocam

Em seu sentido etimológico, a palavra cuidar, de origem latina, está frequentemente, associada ao verbo “cogitare” cujos significados são: pensar, supor e imaginar. Já o verbo “cogitare”, origina-se do vocábulo “co-agitare”, assume o significado de “agitação de pensamento”, “revolver no espírito” ou “tornar a pensar em alguma coisa”¹. Ainda em relação ao termo cuidar, verifica-se sua aproximação com o vocábulo latino “curare”, cujo sentido associa-se a ideia de “tratar de”; “pôr o cuidado em”(p.445).

Aqui já podemos notar algumas pistas, para melhor compreender esse conceito. Na própria origem da palavra, nada tem relação com uma técnica em específico, e sim com a ação de se pensar sobre um assunto, imaginar. Esta base etimológica nos faz pensar que o “cuidar”, em sua origem, tem intenção de solucionar problemas se utilizando do pensamento e da imaginação, o que converge muito bem com a ideia de um cuidado ampliado. Só o que já se sabe de antemão não é suficiente; teremos então que nos colocar a imaginar, a pensar outros modos, talvez modos que ainda não existam e que só existirão a partir do encontro com o outro.

Olhando por outro ângulo, também proposto por Ballarin, Carvalho e Ferigato (2010;p.446):

Sob a ótica filosófica, alguns autores abordam o conceito de cuidado (Sorge) considerando as formulações ontológicas heideggerianas, discorrendo sobre dimensão de totalidade, revelada pelo modo prático de o homem “ser-no-mundo”. Nesta perspectiva, o ato de cuidar diz respeito a uma atitude, a um modo prático de “ser-no-mundo” (BALLARIN, CARVALHO, FERIGATO, 2010,p.446).

Me utilizo destas autoras pelo caráter reflexivo que propõem, para pensar o cuidado.

E, logo após, esclarecem que:

Assim entendido, o cuidado antecede toda atitude e situação humana, caracterizando-se portanto, enquanto um fenômeno ontológico-existencial, ou seja, o cuidado está na essência da existência humana, sendo inerente ao homem (...). A natureza ética, própria do ser pessoa, se caracteriza por um cuidado que, enquanto tal, não é uma atitude ou um ato, mas um a priori existencial de onde derivam as atitudes (...). O pressuposto é que a ética e o cuidado estão na base da prática profissional e não o contrário, ou seja, a prática profissional deve estar orientada tendo em consideração o respeito pela natureza humana, e não o cuidado perfilado em função dos contextos e das suas funcionalidades (BALLARIN, CARVALHO, FERIGATO, 2010,p.446).

Pautado na compreensão dos filósofos a partir dos conceitos heideggerianos, os autores nos ajudam a caminhar para o entendimento que ratifica o entendimento do cuidado na base da formação profissional; agora não mais um cuidado enquanto técnica ou enquanto ação, mais o cuidado enquanto base ética das relações, um primeiro pensamento sobre o qual se pautam as ações. Em consonância com essas ideias proponho, então, que olhemos o cuidado como um sentido primeiro, que guia nossas atitudes éticas de intervenção, não só na clínica, mas em todos os ambientes e circunstâncias.

4.2 Movimento estudantil e participação social

O movimento estudantil é um movimento social. Como aponta Gohn (2008, Apud PALMA e JAEGER, p.75), “movimentos sociais são ações coletivas de caráter social e político, organizados por parcelas da sociedade, que têm como objetivo expressar e organizar suas demandas.” Entretanto, ainda que enquadrado como um movimento social, o mesmo tem suas particularidades, como sua eterna renovação, porque, diferente de movimentos sociais como o feminista ou o de negritude, as pessoas só são estudantes por um período da vida. Então, costumam deixar o movimento para que ele seja construído por novas pessoas, que estão continuamente chegando ao espaço e às questões estudantis.

O objetivo aqui não é traçar uma ideia do que seja o movimento estudantil, e sim a partir de algumas reflexões, promover deslocamentos para pensar sobre o assunto. Como vimos através da proposição de Martins-Filho (1981), não é possível descolar a atuação do movimento estudantil do seu contexto histórico, e atualmente no Brasil vivemos um momento ímpar na história da universidade brasileira. Este momento começou após a promulgação da Lei 12.711/2012, que reserva 50% das vagas das universidades federais, para estudantes vindos de escolas públicas e, em seguida, para estudantes negros, indígenas, com deficiência. Este processo, aliado a outras iniciativas governamentais como programas de financiamento públicos para alunos de baixa renda que querem cursar universidades particulares, vem mudando o perfil do estudante universitário brasileiro.

E a partir da nossa entrada – nós, cotistas – na universidade, o próprio movimento estudantil foi obrigado a se repensar.

Como apontam Vinadé e Guareschi (2007),

Apesar de não tratarmos da militância como um acontecimento individual, percebemos que esta tem uma importante ligação com as histórias de vida de cada um, sendo uma possibilidade de reação e uma alternativa em busca da autonomia e cidadania. Muitos sujeitos com história de militância falam sobre suas vidas, tomando a família como sua origem e criação, fazendo conexões disso com os motivos que os impulsionaram à militância.”(VINADÉ, GUARESCHI, 2007,p.69).

Essa afirmação traz à luz um importante pensamento sobre a militância e a história de vida de quem compõe esses coletivos. Por isso a abertura da universidade para pessoas com histórias de vida diferentes daquelas que antes ocupavam esse lugar tende a modificar o próprio movimento. Vinadé e Guareschi (2007) destacam que “Militantes produzem e são produzidos pela militância continuamente, o que faz com que não possamos esmagar e dicotomizar a dimensão individual”. É por entender isso que enxergo que o movimento estudantil tem mudado, suas pautas têm mudado e suas ações também. Exemplo disso é que umas das pautas mais importantes do movimento estudantil do qual fiz parte é a assistência estudantil, marca da presença destes alunos que ingressam na universidade mas não têm condições de se manter nela, financeiramente.

Outro elemento importante para pensar o movimento estudantil e a militância de forma geral é analisar como essas pessoas chegam ao movimento, o que as leva a entrar nesses coletivos. Entendemos que é a partir de uma problemática; Vinadé e Guareschi (2007), porém, propõem uma reflexão mais aprofundada.

A militância surge na vida das pessoas como uma via possível de exercer-se como sujeito, de ser o que se é. pessoas com histórias de militância mostram que não encontram espaço no mundo para serem quem são, buscando no movimento social e na militância um território onde isso seja possível. Talvez esse seja o elemento disparador, a mola propulsora de todo o envolvimento, do engajamento que mobiliza à contestação do *status quo*. De alguma forma os sujeitos se percebem impedidos de serem quem são..., sentindo-se oprimidos por um sistema carregado de preconceitos, estigmas e exclusões. (VINADÉ, GUARESCHI, 2007, P.69).

Pensando nisso e considerando minha própria experiência dentro do movimento estudantil, identifico que este movimento teve um papel de destaque em minha vida e em minha formação, pois foi o primeiro processo do qual participei com objetivo de buscar, através da luta coletiva, uma transformação social. Em segunda análise, verifico que ele também cumpre um importante papel também por ser um local onde os militantes podem se identificar com pessoas diferentes, mas que em algum nível compartilham desejos comuns. Neste sentido, tem um importante papel na participação social dos sujeitos que dele fazem parte.

Quanto a esse segundo papel, devo aqui deixar claro que, quando neste trabalho cito a participação social, estou me referindo a participação em atividades sociais. Este destaque se faz necessário, pois ao falar de participação social temos diferentes definições. Uma definição trazida por Simoes e Simoes (2015) apresenta a participação social como “inclusão da

sociedade na gestão das políticas públicas; buscam atender um anseio da própria população por integrar processos de tomadas de decisão levando diretamente ao governo suas demandas”. O movimento estudantil também cumpre esse papel de ser um movimento organizado que visa a inclusão de suas pautas nas políticas públicas; neste sentido, a participação social está diretamente ligada ao controle social do governo. Porém, no presente trabalho vamos tratar a participação social a partir de uma outra definição, que se refere ao envolvimento em atividades sociais assim como apontam Costa e Castro-Silva (2015, 288) que propõem de compreender a participação social “...como toda possibilidade de atuar socialmente, criada, conquistada, negociada e inventada no coletivo; a participação social seria, portanto, o próprio exercício da convivência e da vida coletiva”.

Nesse sentido, a participação social tem um importante papel, como aponta Lopes e Matsukura(2018), na promoção de saúde, na percepção de qualidade de vida, nas atividades de lazer e do trabalho, e ainda por ampliar o contato com outras pessoas, o que aumenta o desenvolvimento de habilidades. Contudo, ao mesmo tempo em que a participação fortalece a identificação, por outro lado o caráter individual da nossa sociedade contemporânea também tende a criar conflito e disputa de poder dentro do próprio movimento; é possível que isso seja necessário para o debate e para criação de novos caminhos. Porém, em outros momentos, pode criar ruptura e desmobilização.

O próprio caráter paradoxal entre a necessidade de se manter em um coletivo, por um entendimento que só a união e a construção democrática podem junto promover a emancipação de todos, e as necessidades individuais, me trouxe a esta pesquisa. Estive vivendo este conflito interno, pela necessidade de um ser individual ter suas pautas atendidas e seus desejos realizados em processos coletivos.

5. Análise e discussão dos resultados.

Neste capítulo proponho a discussão sobre cuidado, movimento estudantil e formação em terapia ocupacional a partir das minhas experiências. Entretanto, este capítulo é sobre a minha história e, como tal, resolvi dar um pouco mais a minha ‘cara’ para ele. Faço essa escolha porque também acho que ajudará o leitor a entender as cenas e a construir um raciocínio em cima desta ideia.

Eu sempre gostei de super-heróis, e por muito tempo na infância quis ser um. Porém, se paramos para pensar, toda história de super-herói – e de heróis de uma maneira geral – sempre tem uma narrativa muito familiar. Seja o Luke Skywalker em Star Wars, ou Dorothy em O Mágico de Oz, ou até Homem-Aranha, todas essas histórias, apesar de épocas e estilos bem diferentes, seguem uma mesma estrutura. Essa estrutura já foi percebida a muito tempo por Joseph Campbell, um antropólogo que, após analisar mitos antigos, percebeu que eles possuíam uma estrutura muito parecida, e a essa estrutura narrativa deu o nome de ‘*jornada do herói*’. Pensando nisso, vou usar a ideia percebida pelo Joseph Campbell como ‘fio condutor’ das experiências a seguir. Campbell dividiu a jornada em 3 partes: a primeira é “o mundo comum e o chamado para a aventura”. Esta primeira parte é quanto o herói sai do seu lar depois de um chamado, e parte em busca da aventura. A segunda parte é a “iniciação”, na qual o herói, agora no mundo novo, começa a enfrentar os seus primeiros desafios e problemas. Aqui também é onde o herói atinge e realiza o objetivo para o qual ele foi convocado. Por último, a terceira parte é descrita “pela volta pra casa”, a volta para o mundo que ele havia deixado para trás. Neste ato também é o momento em que ele percebe que, não só ele não é o mesmo que deixou a sua casa em princípio, como também não é só o aventureiro regressado.

Vou fazer essa opção de narrativa, para facilitar o entendimento do leitor sobre em que momento eu estava em cada cena a ser analisada, mas também para satisfazer meus desejos de ser o herói da história (o que a princípio pode parecer uma ideia um pouco ‘narcisista’... mas eu acredito de fato que somos os heróis das nossas próprias histórias).

5.1 1ºAto: saída da carteira para o movimento.

Cena 1: E o Movimento Estudantil se fez necessidade em mim... Primeira tentativa de chegar ao Centro Acadêmico

No início do ano de 2015 eu estava no 3º período, e tentei pela primeira vez entrar para o Centro Acadêmico. Não sei se eu entendia muito bem na época o que era o centro acadêmico (CA), mas foi a única eleição para o Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional (CATO) que não tinha uma única chapa. O motivo pelo qual eu entrei na disputa eleitoral, foi porque dois veteranos na época falaram que ia ser chapa única e que não era uma chapa “boa”, porque a mesma **tinham membros com filiação político partidária**. Pensando agora, eu entendo o receio que existia no fato de haver uma única chapa e que a mesma tivesse membros com ligação político partidária, poderia enviesar as decisões tomadas pela gestão se, em algum momento, os interesses dos estudantes de Terapia Ocupacional fossem divergentes dos interesses do partido político ao qual alguns integrantes da chapa estavam filiados. Não via as coisas dessa forma na época, entretanto, **tomei aquilo pra mim**. Diante desta situação, montei uma chapa com outras 3 pessoas para tentar fazer parte da gestão do Centro Acadêmico. No dia do Debate todas as propostas da nossa chapa tinham a ver com o espaço físico e arrecadação de dinheiro para o centro acadêmico, o que de certa forma revela a nossa falta de experiência nessa situação. Isso ficou marcado pra mim, porque uma menina levantou a mão e falou, “O centro acadêmico não é só espaço físico, tem muito mais coisa, uma dica”. Não ganhamos as eleições; ainda bem, teria sido um desastre.

O mais importante desse primeiro evento é o primeiro contato com o movimento estudantil na universidade. Eu entrei na universidade em 2014 e a cena descrita aconteceu no final de 2014 e início de 2015. Naquele momento, mesmo sem muita clareza do que era tudo à minha frente, eu me senti convocado a participar, mesmo que ainda de forma ingênua. De fato foi um fator motivador que me fez sair da minha zona de conforto e enxergar outras possibilidades. Pensando um pouco na ideia da “jornada do herói” como “fio condutor” este seria o início da minha jornada, uma convocação à aventura. Outro ponto importante a se destacar é o fato de “o problema” da outra chapa era ter membros filiados a partidos políticos. Depois de ter vivenciado outros lugares, notei como outras organizações estão sempre influenciado as causas de uma maneira geral. Mesmo dentro do movimento estudantil, onde todos – na maioria dos casos – estão sempre com um objetivo em comum, é muito importante notar como as organizações por trás causam às vezes situações desnecessárias.

Como já dito anteriormente, a busca pela militância vem de um certo sentimento de não lugar no mundo. Podemos observar isso também diante desta cena. Ao perceber que quem iria representar os estudantes era um grupo que, em algum momento, poderia não fazer isso, mesmo que em um cenário mais micro, isso representou para mim (naquele momento)

esse não lugar. Por isso me arrisquei a tentar mudar essa realidade. Vinadé e Guareschi também percebem este incômodo como algo presente nos militantes em relação ao Estado.

São essas afetações na carne, pungentes, que incitam a busca de transformações através da luta... O movimento de perceber-se diferente e sem lugar, do qual falam as pessoas com histórias militantes possibilita que as pessoas se envolvam e participem de grupos, coletivos e movimentos (VINADÉ, GUARESCHI, 2007, p.69-71)

O sentimento de deslocamento e de estar sem lugar, não representado, foi o propulsor ao início da minha caminhada dentro do movimento estudantil.

Quanto à preocupação da filiação partidária do membros da outra chapa, se justifica diante do entendimento, a na militância uma necessidade de se manter o foco na causa.

Existe um cuidado em manter o foco da luta na causa com a qual os sujeitos militantes estão envolvidos. Por fazerem parte de movimentos, organizações, precisam ficar constantemente atentos para que não se tornem militantes de uma determinada entidade, o que acabaria por deixar a causa em segundo plano (VINADE, GUARESCHI, 2007.P.71).

Diante dessa afirmação, o temor se justificava – era o medo do foco da gestão em algum momento não estar mais na causa estudantil, e sim nas organizações das quais eles já faziam parte.

Cena 2: Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu.

Antes da greve dos estudantes em 2015, os estudantes do alojamento **ocuparam** a reitoria em forma de protesto pelas condições do alojamento, e iria acontecer uma reunião com o reitor, (não lembro qual era a reunião). Mas **estava muito cheio** e a maioria das pessoas que ali estavam não eram estudantes que moravam no alojamento, não tinha como ficar dentro da sala, lembro dos gritos de guerra ”na rua, nas praças quem disse que sumiu aqui está presente o **movimento estudantil**, era uma reunião interminável para tentar resolver os problemas de estrutura (comentário: “a estrutura só vem piorando”) o clima era muito tenso, a gente ficava sentado no chão esperando o final da reunião, existiam muitas barracas de acampamentos dos estudantes que tinham ocupado a reitoria. No final, promessas: bandeirão na PV (existe hoje), reformas do alojamento (um bloco pegou fogo e nunca foi reformado), acabar com estudantes estudando em contêiners (os contêiners foram retirados, entretanto existem projetos para voltar com eles). Tem uma fala que eu tenho forte na memória desse dia mas, não sei se de fato ela existiu, um estudante do alojamento falando ,logo depois que o acordo foi feito, que não tava certo: pq quem ocupou foi a galera do alojamento e a pauta deles era imediata, não podia sair só com promessa, porque eles iriam voltar para o alojamento, isso me fez pensar qual era o nosso papel ali então.

Ocupação talvez seja a palavra mais usada por terapeutas ocupacionais. Ainda que aqui ela esteja em seu sentido menos usual para nós, terapeutas ocupacionais, estou aqui pensando em ocupar enquanto atividade mesmo, pois foi isso que garantiu a possibilidade de se reunir com as pessoas que poderiam mudar sua realidade. Foi através do ato de ocupar o espaço físico da

reitoria, mas não só isso, como também a ação de exercer uma ocupação de estudantes em sua plenitude, que permitiu aos estudantes reivindicarem seus direitos. O exercício de sua ocupação foi objeto de transformação da realidade desses sujeitos. Ocupar espaço público é participar socialmente.

Apesar de estar muito cheio, o mais importante aqui pra mim, é entender como só foi possível esse ato, porque todos os alunos ali se entendiam como parte do mesmo grupo, apesar de suas diferenças. Éramos todos estudantes lutando para melhorar a vida de todos ali, e só se conseguimos chegar nesse resultado de nos reconhecermos enquanto uma classe por meio da participação social. Foi só a partir da participação nesses grupos que pudemos nos reconhecer como parte do mesmo todo. Pensando e refletindo um pouco sobre a minha jornada, neste momento estou na parte de encontrar o mestre. No 1º ato, segundo Joseph Campbell, também é o momento em que o herói encontra o seu mentor, que pode ser uma pessoa ou uma entidade. Neste momento meu mentor foi o próprio ato; foi com ele que aprendi a arma de luta mais importante do movimento estudantil: a união dos estudantes.

Diante desta cena, acho importante destacar que foi a ocupação enquanto estudante que permitiu uma identificação, para que pudéssemos alinhar as ideias para enfrentar o descaso da universidade diante das questões dos alunos. Nos movimentos sociais, a identificação é sempre entendida como algo fundamental, como apontam Vinadé e Guareschi (2008, p. 70): “Os militantes atribuem grande valor aos iguais, isto é, mostram que é importante estar entre pessoas que têm as mesmas aspirações e desejam lutar pelas mesmas causas”. Participar desse tipo de ato onde exercemos a nossa participação social em forma de luta é fundamental para compreender o caráter de luta do movimento, entretanto é preciso deixar claro que “A qualidade da participação social, de fato, está associada à possibilidade de formação de vínculos que valorizem as experiências” (COSTA e CATRO-SILVA 2008,p.288).

Cena 3: Assembleia dos professores sobre a greve de 2015.

Eu entrei na UFRJ em 2014, e nesse momento estava no 4º período. A assembleia ocorreu no auditório ‘Quinhentão’ e estava sendo discutido principalmente o estado geral dos prédios e a diminuição dos recursos. O sindicato queria puxar a greve, mas tinha muitos professores que não queriam, principalmente dos centros que recebem recursos de outras entidades. Nesta época, os estudantes tinham ocupado a reitoria e estavam esperando uma paralisação dos professores. Lembro pouco das falas, mas lembro das imagens dos prédios que foram exibidas no telão, com muitas infiltrações, ferrugem e rachaduras. Lembro também do presidente do sindicato mandando

os alunos levantarem das cadeiras porque, os professores estavam em pé, e uma professora da TO (Melissa) falando que isso era um absurdo. As pessoas **pareciam não estar muito abertas ao diálogo**, pois uma parte dos professores queria votar logo e a outra queria continuar falando. Isso levou até o extremo de agressões físicas entre os professores. No fim, a greve não foi aprovada e também não ficou o indicativo de greve.

Nesta cena, destaco como elemento para reflexão a questão do diálogo.

Este foi o tema que mais me marcou nesse dia, que me fez refletir por muito tempo depois dele. Todas as pessoas que ali estavam, se importavam com a instituição e eram colegas de trabalho; entretanto, naquele momento não foi possível se estabelecer um diálogo. As pessoas que ali estavam não foram à assembleia para conversar e tomar uma decisão conjunta, foram para impor sua visão de mundo umas às outras, assim inviabilizando qualquer possibilidade de diálogo.

Ao longo da formação em terapia ocupacional aprendi que estabelecer diálogos é fundamental na prática profissional, seja com a comunidade, com o usuário, com familiares, com gestores ou com as instituições, é importante estar aberto a ouvir outros pontos de vista, sob o risco de não se conseguir avançar no complexo campo da participação social.

Ao fazer a crítica sobre a indisponibilidade para o diálogo, cabe destacar que o diálogo aqui não se coloca como tentativa ingênua de produção de consensos, mas à evidenciação das diferenças, geração de pactos, identificação de forças e fragilidades, confluências coletivas em pautas e lutas comuns. Ao começar a perceber as forças que regem os movimentos sociais e de luta, isso me coloca, de acordo com a jornada do herói, na fase da “barriga da baleia”, que é quando os heróis começam a perceber o novo mundo a sua volta.

A partir da análise da cena destaco dois outros pontos importantes. Um se refere a minha visão de cuidado constituída durante a formação em Terapia Ocupacional, a partir da qual compreendendo o diálogo como parte fundamental para a construção de cuidado. A este respeito, Ballarin, Carvalho e Ferigato (2010, p.448) apontam que “cuidar (...) de alguém é mais que construir um objeto e intervir sobre ele, é na verdade, ser capaz de acolher, dialogar, produzir novas subjetividades”. Assim, vemos que para a produção de um cuidado integral, é indispensável dialogar com os sujeitos. Outra dimensão importante que surge diante da análise da cena é a percepção de que o fato de pertencer a uma mesma comunidade e participar dela não necessariamente cria consenso. Mesmo os professores ali tendo o mesmo objetivo (a garantia de melhor situação de trabalho), tinham visões distintas de mundo, e não

se inclinavam ao diálogo. Esta compreensão corrobora com o entendimento de comunidade proposto por Costa e Castro-Silva:

O conceito de comunidade precisa transbordar as concepções que a restringem a um coletivo difuso e harmônico..., devendo compreender os grupos de forma complexa, comportando dilemas e paradoxos. Assim, ao mesmo tempo em que se trata de um coletivo é preciso que comporte também a individualidade, o que afasta a ideia de um conjunto que só existe enquanto unidade consensual (2008, p. 448).

É de grande importância esta discussão para pensarmos a participação social, que não será sempre harmônica. É preciso ter claro que ela também se dá diante do conflito, o que se apresenta muito importante para as criações de novas perspectivas.

Cena 4: Votação da greve estudantil de 2015

Talvez essa tenha sido a maior mobilização estudantil que eu tenha participado, em importância. Logo após a reunião convocada pelo sindicato dos professores, que não terminou em greve e nem em indicativo de greve, os estudantes diante dos problemas de infraestrutura dos prédios, da situação dos estudantes do alojamento e o fim da verba do REUNI que os estudantes tinham certeza que terminaria na precarização ainda maior da infra-estrutura da UFRJ, os estudantes se reúnem em uma assembléia no “Quinhentão”, para deliberar sobre a greve estudantil, não sei falar quantos alunos tinham, mas estava lotado todas as cadeiras ocupadas e mais gente ainda em pé, existia muita confusão e gente querendo falar sobre suas questões em relação a assistência estudantil e o que essa falta de verba iria piorar ainda mais(hoje por dois semestre não tivemos editais para bolsas de auxílio estudantil) ouvimos o absurdo que o pessoal **passava todos os dias para sobreviver** dentro da UFRJ, lembro de começar a entender o quanto **o macro pode interferir de forma direta na vida** das pessoas uma realidade que até então eu desconhecia, uma aluna da TO também falou sobre as dificuldades do curso suas falta de laboratórios e salas inadequadas e da relação entres os professores e alunos, e no final houve a votação pela greve estudantil, algo que por muito tempo foi questionado se poderia existir já que estudantil não é uma classe trabalhadora, mas naquele momento, isso era o que menos importa inspirado pelo alunos do ensino médio que já tinham ocupado as escolas naquela altura fazia muito sentido um movimento estudantil que tinha intenção de também parar a Universidade, e de forma unânime e por aclamação foi aprovada a greve estudantil, mas como eram poucas pessoas comparada ao universo de estudantes da UFRJ ficou acordado que os Centros Acadêmicos (CA) consultoria as bases para saber se cada curso iria aderir à greve ou não.

A formação em Terapia Ocupacional tem um olhar muito caro para o cotidiano. É no cotidiano que os terapeutas ocupacionais buscam intervir. Esse olhar que é construído ainda na formação, me fez atentar mais para as falas das pessoas que tinham dificuldades de existir no cotidiano, no dia-a-dia, nas suas ocupações, no seu modo de existir. Diante disso, foi importante notar o impacto que as políticas públicas têm na vida das pessoas. De fato, antes

de participar dos espaços de discussões do movimento estudantil e cursar disciplinas que abordam essa temática, nunca havia percebido de que forma as políticas públicas estão ligadas diretamente à vida das pessoas, e compreender isso é fundamental para a atuação como terapeuta ocupacional. Já que não tratamos *corpos* e sim *pessoas*, é preciso defender políticas públicas que possibilitem um cuidado integral e contínuo. Neste momento me vi pela primeira vez construindo o movimento estudantil. Eu já tinha participado de outros atos, mas, ali, eu junto com os meus iguais, tomamos uma decisão coletiva. Apesar de já ter participado dos atos, foi a primeira vez que estava no lugar de quem tomou a decisão. Eu tinha aceitado a minha jornada e essa era a parte da “travessia do limiar” segundo a jornada do herói; é quando o herói vai de fato para o mundo novo.

Neste momento é importante a discussão do caráter político do cuidado. O cuidado integral prevê um cuidado que também se relaciona com a esfera política, “Ao abordarem o cuidado como uma ação integral compreendem a saúde como direito de ser e não apenas como procedimento técnico” (Ballarin, Carvalho, Ferigato, 2007. p. 448). É preciso entender a saúde enquanto um direito. Para nós, profissionais do cuidado, é preciso garantir atuações emancipatórias, horizontais, que buscam diálogos possíveis “Partindo da perspectiva de cuidado em saúde com vistas à construção da cidadania e resgate da autonomia dos sujeitos do cuidado”. Aqui é possível ainda compreender o papel do cuidador enquanto um interlocutor das políticas públicas; e, nos espaços micros, o responsável por criar alternativas conjuntas de garantia de direitos.

5.2 2º Ato: dentro do novo mundo

Cena 5 : Ovos de páscoa reflexivos

Durante o meu primeiro estágio na vila residencial, na primeira atividade em grupo com os idosos foi pedido aos estagiários e estudantes, que pensasse atividades para realizarmos no dia, e como estamos perto da páscoa a atividade deveria ter uma ligação com o tema, no primeiro momento não, entendi porque essa obsessão de fazer grupos relacionados a datas comemorativas, mas agora eu entendo que mais do que uma obrigação às vezes é uma oportunidade de fazer links com o cotidiano e a cultura local, ao pensar nessa atividade para mim foi natural pensar em uma atividade que tivesse como objetivo **refletir sobre sua comunidade**, que é uma comunidade bem pequena e com várias questões sociais importantes. A atividade proposta por mim, acontecia da seguinte forma eram três ovos de páscoa, um era o que eles gostariam de receber da comunidade, o segundo o que eles gostariam que a comunidade tivesse, e por último o que eles poderiam oferecer a comunidade, a atividade foi pensada para eles refletirem que todas essas coisas estão intimamente

ligadas e que **eles tem um papel ativo** na transformação dessa comunidade, a atividade foi escolhida, modificada e realizada por outras pessoas do projeto.

Essa foi a primeira vez que, de forma intencional, passei a usar o que eu vinha aprendendo com o movimento estudantil, para pensar uma intervenção enquanto terapeuta ocupacional. Entendo que fiz um “link”, pensando diretamente que o cuidado em saúde daquelas pessoas passava por questões sociais. Eu já tinha aprendido isso em outras situações durante a formação, tanto em aula quanto na extensão, e também no movimento estudantil como na cena 2. , Mas nesta ocasião, eu não só participava como também era proponente da intervenção, e nesse contexto fazia sentindo propor um papel ativo aos moradores daquela comunidade, para que eles pudessem refletir sobre o seu papel na mudança das questões sociais de sua comunidade, e que era possível então, juntos, através da participação social, mudar aquela realidade e buscarmos soluções para as questões ali vividas. O que também nos remete à primeira fase do segundo ato da jornada do herói, porque é nesta parte que começam as soluções dos problemas. O herói passa por uma série de problemáticas para crescer dentro da narrativa – esta é conhecida como a estrada de provas e essa só seria a primeira.

A formação em Terapia Ocupacional, como apontam Galheigo e Angeli, tem uma preocupação: “Na graduação, um dos eixos mais importantes é o de formar profissionais que estejam capacitados para identificar, de forma compreensiva, as necessidades e demandas dos usuários e de sua rede social” (Galheigo e Angeli, 2008,p.130). Esta afirmação ratifica um compromisso que a formação em Terapia Ocupacional deve ter ao formar profissionais que estão preocupados com a vida dos indivíduos como um todo, e não de forma compartimentada. Também é importante notar que, quanto trato da formação, são todas as experiências que contribuem de forma direta ou indireta para a construção de um corpo. Não estou aqui restringindo a formação acadêmica só aos conteúdos apresentados durante as aulas e estágios, e sim toda a experiência que, neste contexto, permite uma reflexão crítica sobre os saberes necessários para se formar um profissional.

Contudo, no final a intenção da atividade era facilitar a criação de afetos para que eles, através da reflexão, reconheçam seu papel dentro dessa comunidade, reconhecer o outro como um parceiro para aglutinar e somar forças.

Os afetos que mobilizam um grupo se definem pelas forças de coesão e difusão, que aglutinam tensionam e reorganizam coletivos. A partir de situações, fenômenos e eventos que produzem diferentes sentidos de integração entre seus membros, uma comunidade produz ora mais ora menos afetos aglutinadores, apoiados tanto em sentimentos de pertença e cumplicidade, construindo experiências de solidariedade, quanto em sentimentos de divergência, tensionando e buscando, de forma mais ou

menos bélica, campos possíveis de negociação (COSTA E CASTRO-SILVA, 2015, p.289).

Apoiado nas ideias de Costa e Castro-Silva, analiso que a intervenção proposta tinha como intenção ser um evento aglutinador, que possibilitasse uma maior participação social e diante disso outras formas de cuidado.

Cena 6: A reunião do Franco

No segundo semestre de 2017 a atenção básica e a saúde mental principal, estavam passando por grandes dificuldades no rio de Janeiro e nesse momento eu estava fazendo, estágio em dois lugares, no NUPPSAM e no CAPSad Mané Garrincha, um dos momentos mais marcantes pra mim de todo esse processo nesse período foi o que aconteceu com o CAPS da Rocinha e o Franco Basaglia, nesse período com todas as dificuldades que a rede passava, funcionários sem receber, emergências de saúde mental fechadas e em sistema de rodízio, no CAPS Rocinha ainda aconteceu uma situação mais grave os traficantes da comunidade iniciaram uma guerra contra um grupo rival, e por isso o CAPS teve que fechar, e para não deixar as pessoas sem atendimento os usuários foram encaminhados para o Franco Basaglia, então durante um período o CAPS Franco Basaglia, esteve com seus usuários e os usuários do CAPS Rocinha e também os técnicos do CAPS Rocinha, diante desse cenário de lotação eles começaram a fazer assembleia diárias com todos os usuários, para ver como ia ser o dia, nessas reuniões eles convidavam, os outros serviços da rede para pensar junto soluções, eu junto com a terapia ocupacional Marcela que era minha preceptora na época fomos em uma dessas reuniões, naquela assembleia cheia de usuários de saúde mental, muitas falas foram curiosas como um usuário que **a partir da experiência** de ter outro CAPS no seu ficou, **curioso para conhecer outros CAPS**, ou usuários que estavam sugerindo ir à televisão para fazer denúncia, ou ainda falar com um tal político que apoiava o movimento, até que em um momento me cobrando para que eu levasse o informe do ato que eles tinham decidido fazer, para os usuários do CAPS onde eu estava, com a intenção que eles pudessem estar junto com eles luta da garantia dos seus direitos, e eu me comprometi a levar na reunião do meu CAPS a proposta, mas o mais importante pra mim daquela reunião era **como aquela atividade era organizadora** para eles, como eles estão realmente preocupados e procurando soluções.

Nesse momento foi quando mais aprendi sobre como a experiência pode ser transformadora e criar novas perspectivas. Isso só foi possível através de uma interação com novos atores, os usuários ali perceberam, na minha visão, que eles precisavam também cuidar dos usuários que chegaram dos outros CAPS; por isso foi tão possível essa convivência, apesar de caótica.

Um das reverberações mais importantes que aconteceram depois dessa experiência, foi os usuários propondo visitar outros CAPS, a fim de conhecer outras realidades, das quais se sentiram pertencentes. Por mais que eles fossem de serviços diferentes, entendiam que

todos faziam parte de um mesmo grupo, e que conhecer o outro ajudaria a pensar sua própria realidade.

O que de longe foi a coisa que eu mais aprendi naquele dia foi como estar em um contexto de luta social era organizador para os pensamentos daquelas pessoas. Todos que participavam da reunião estavam super-atentos e fazendo propostas para tentar solucionar o problema, que não era de um só, mas do grupo, e para eles era claro que isso tinha uma interferência direta na sua saúde. Continuando ainda com a analogia a jornada do herói, ainda vejo como parte das provas, este momento.

Entendo que essa cena tem um diferencial da cena 5 muito importante, que é o fato dela ter ocorrido dentro de uma instituição de saúde pública. Isso, ao meu ver, tem que levar a discussão do cuidado também para a sua dimensão técnica, embora neste trabalho, por muitas vezes, e tenha tentado descolar a compreensão de cuidado da dimensão da saúde e da técnica. Faço isso também para valorizar as outras dimensões possíveis de cuidado que ficam invisibilizadas por conta do foco da saúde, mas aqui também quero falar desse papel mais técnico que existe no cuidado em saúde. Para entender melhor onde se encontram essas duas dimensões, Gastal e G (Apud DETOMINI E BELLENZANI, 2015; p.662) comentam que: “A integração das práticas de participação social com as práticas assistenciais grupais é fundamental para a garantia de direitos e superação do desamparo desestruturante de uma instituição; é a [...] união entre o terapêutico e o político [...]”. Vemos neste trecho a ideia de cuidado técnico aqui representado pelas práticas grupais, mas integradas à ideia de participação social, o que também de fato acontecia durante as assembleias no CAPS Franco Basaglia, durante essas assembleias. No mesmo texto, Detomini e Bellenzani falam da importância das assembleias para participação social dos usuários dentro do CAPS, “nos CAPS, especificamente, é incentivada a prática das assembleias como um importante espaço de participação dos usuários” (2015; p.662). Favorecer a participação social dos usuários também deve estar no escopo de conhecimento para atuação dos profissionais que atuam na dimensão do cuidado.

Cena 7: Disciplina de Supervisão de Estágio (Lizete - o trabalho final - 2017.2)

Durante o período de 2017.2, eu fiz dois estágios: um em um CAPS, e outro em um núcleo de pesquisa de políticas públicas em saúde mental, “NUPPSAM” o que me colocou de fato em um lugar muito curioso, porque estava na ponta, onde o serviço de fato acontece e também estava em um laboratório que pensa a política pública em saúde mental, e como ela de fato deveria ser

aplicada. Isso tudo em meio a uma “crise” perpétua na saúde desta vez ligada diretamente ao prefeito, que entendia a saúde mental e a atenção básica de maneira bastante confusa, e a um governo federal que atacava as políticas de saúde mental. Neste cenário, fiz a disciplina de supervisão acadêmica dos estágios com a professora Lizete, que pediu um trabalho final que estivesse ligado com o nosso Campo de estágio. Fiz um trabalho sobre a **rede que existia** ou deveria existir e que se **fortaleceu com a crise**. Eu vi serviços inteiros que fecharam e foram **acolhidos** por outros serviços, não só pelos técnicos, mas também pelos usuários; serviços que, mesmo sem luz elétrica, continuaram funcionando. Eu vi como se articularam, como os outros serviços foram até lá para protestar o quanto era absurdo o descaso da prefeitura com os serviços. Foi muito forte, então me sentia obrigado de no trabalho final falar disso.

A rede, enquanto produtora de cuidado: nesse momento entendi que a rede de serviços por si só já produzia algum tipo de cuidado e que os serviços reconheciam isso como importante não só para compartilhar o cuidado dos usuários, mas também para que eles buscassem apoio quando fosse necessário. A rede criada pelos serviços, nesse momento, se mostrou de extrema importância, manifestando sua força e afirmando seu papel cuidador.

O fortalecimento diante da crise: diante de todas as dificuldades em que se encontrava a atenção básica, era de se entender um enfraquecimento das redes dos serviços. Entretanto aconteceu o oposto a isso - as redes se tornaram mais fortes, os serviços se aproximaram, foi possível encontrar potência diante da adversidade, diante de um cenário ruim não focaram no problema e sim na potência que ali tinham se criado.

Acolhimento: entendo que naquele momento era essencial que as pessoas, tivessem acesso às acolhimento, foi através do acolhimento que se fez um cuidado possível diante do desmonte que a saúde passava no município. Os serviços estavam muito cheios e se as pessoas não se sentissem acolhidas naquele momento isso poderia fazer com que elas desvinculassem dos serviço.

O que considero mais importante de ser evidenciado nessa cena é o papel político do cuidado, que fica claro quando o grupo fala da importância da rede do cuidado, mas também quando pensa nas estratégias de fortalecimento diante da crise. Sustenta-se essa afirmação na própria ideia de que a criação de uma rede como estratégia de cuidado já tem em si uma dimensão política, em contraponto ao modelo médico centrado. “Simultaneamente, a integralidade do cuidado vai sendo construída por meio da articulação das ações... com as da rede de serviços, já que só pode ser pensada e realizada de forma efetiva se articulada em rede” (GALHEIGO, ANGELI, 2008 p.138). Entendemos aqui que o papel político do cuidado assemelha-se ao expressado por Ballarin, Carvalho e Ferigato (2010): “Neste sentido, o

cuidado é entendido a partir de seu potencial disruptivo, capaz tanto de emancipar pessoas possibilitando a construção de sua autonomia, como de tutelar”. O fato de entender que o cuidado também tem um papel político na vida dos usuários, reafirma a postura ético-política que o terapeuta tem com os sujeitos; a compreensão deste papel possibilita ações mais conscientes no exercício profissional. Também devemos destacar a identificação e aproximação dos serviços diante da crise, como estratégia de enfrentamento diante dos ataques dos governantes. Nesse ponto, compreendemos essa ação como proposto com Castells (1999, Apud COSTA e CASTRO-SILVA) quando fala da *identidade de resistência* “por meio de atores sociais em posições desvalorizadas/condições desfavoráveis e/ou estigmatizadas, criam uma resistência e formas de vivência e valores éticos/políticos antagônicos àquilo proposto pelas instituições dominantes” (2008, p.286). A criação dessa identidade foi o que proporcionou a união diante dos ataques.

Outro importante ponto da análise da cena para mim foi o papel do acolhimento. Foi só por entender que o acolhimento é importante durante o processo de tratamento, que foi possível manter as pessoas nos serviço enquanto parte de tratamento. “O acolhimento deve ser capaz de atravessar os processos relacionais em saúde e romper com o modelo de atendimento tecnocrática, sendo este o deslocamento fundamental a ser operado pela noção de acolhimento” (Ballarin, Carvalho, Ferigato, 2010, p.447). Pensar no acolhimento enquanto este lugar de encontro que favorece as tecnologias leves, é de fundamental importância na prática enquanto terapeuta ocupacional.

Cena8: Montando uma gestão

Já tinha convidado 3 pessoas para formar uma gestão da qual eu não participaria, pois eu já estava no final do curso, e não achava que, o que eu pensava sobre o curso, era sua realidade atual, já que não participava de muitas aulas e pouco frequentava a faculdade. Tudo tinha mudado, até o currículo. Além disso, eu tinha uma sensação de dever cumprido, afinal eu participei de greve, votações, ajudei a escrever o estatuto, já tinha contribuído. Então tentei incentivar algumas pessoas a montarem uma gestão, mas aos poucos percebi que essas pessoas não estavam dando conta de iniciar e de se organizar. Vi que, por mais vontade de fazer que tivessem, faltava um pouco de experiência, então pensei que tudo que eu aprendi, tudo que eu vivi poderia ser minha contribuição para a formação da gestão; então, era minha obrigação passar o que aprendi para os outros, **sentia uma responsabilidade** por já ter passado pelas experiências do movimento estudantil de dividir ela com quem estava chegando. Decidi fazer parte da chapa. Tentei organizar o que pude e partimos para as eleições.

Destaco nessa cena, o sentimento de responsabilidade – foi diante deste sentimento que, depois de passar por todas as cenas antes listadas, e muitas outras não contempladas aqui nesse trabalho, que percebi meu papel dentro da futura gestão do Centro Acadêmico. Eu não tinha uma visão igual aos outros do cenário atual, de como estava o curso e a universidade, mas tinha o papel de contribuir com as experiências que vivi para a construção da gestão. Esse sentimento de responsabilidade, pensando hoje, é oriundo de uma tentativa de cuidar ainda desse curso. Assemelha-se muito com a primeira vez que tentei entrar para o centro acadêmico. Dessa vez mais consciente dos deveres e funções do mesmo, mas com o mesmo ímpeto de, de alguma forma, cuidar dos alunos do curso. Esse, na minha jornada, é “O encontro com a Deusa”, onde o herói decide enfrentar o seu grande desafio.

Aqui é onde eu mais claramente consigo enxergar o cuidado como um compromisso ético diante da vida. Naquele momento, não saberia denominar assim, mas agora percebo claramente que aqui não está posto o cuidado enquanto ato; eu não iria elaborar intervenções para “cuidar” dos estudantes, embora o centro acadêmico tenha promovido ações com esse intuito. O sentimento de responsabilização pode sim ser entendido como uma ética do cuidado, que está no modo como nós, seres humanos estamos no mundo. Esta afirmativa está apoiada pelo entendimento de que, “(...)o cuidado antecede toda atitude e situação humana, caracterizando-se portanto, enquanto um fenômeno ontológico- existencial ou seja, o cuidado está na essência da existência humana, sendo inerente ao homem.” (BALLARIN; CARVALHO; FERIGATO; 2010, p.446). Assim, para mim não foi possível me colocar indiferente diante da situação; foi por acreditar que todos temos e somos responsáveis uns pelos outros que tomei essa decisão.

Ao salientar que o cuidado está na essência da existência humana, a ontologia heideggeriana, expressa a importância do cuidado revestido enquanto “preocupação” ou “solicitude”, pois, é este, o aspecto que possibilitará a existência autêntica do ser humano comprometido com seu “ser-no-mundo” (BALLARIN; CARVALHO; FERIGATO; 2010, p.446).

Cena 9: Ato mobilização “corpo estranho”

Esse é provavelmente a coisa mais importante que essa gestão possivelmente já fez, foi em um domingo à noite que chegou a notícia, pra mim que a Matheussa tinha sido assassinada, imediatamente a gestão começou a discutir o que a gente poderia fazer, então decidimos fazer primeiro uma nota, para prestar nossa homenagem a Matheussa e protestar contra quanto às circunstâncias da morte, mas mesmo depois da nota restava uma sensação de que tínhamos que presta outra homenagem, era preciso fazer mais alguma coisa os estudantes estavam **falando do**

sofrimento e medo deles diante de tal ato, então começou uma conversa com os docentes da TO, que resultou, no ato manifesto pela morte da Matheussa, durante o ato era visível a emoção de todos, a minha, todos sentados no chão, realizando uma atividade e cantando, juntos professores e estudantes, pra mim também foi um momento muito difícil, eu conheci de fato pouco a Matheussa, mas por muito tempo convivi com seu irmão Gabis, era difícil imaginar que uma coisa tão absurda tinha acontecido com, tão próximo de todos nós.

Esse momento foi muito difícil para a maioria dos alunos da Terapia Ocupacional da UFRJ, e a gestão procurou ouvir o que os alunos estavam pedindo. Todos estavam em muito sofrimento com o episódio, a ideia de fazer um ato foi justamente ajudar a elaborar e a dar sentido a tudo que estava acontecendo no momento. Era importante, diante de uma situação tão dolorosa, buscar meios de lidar com a situação, e foi muito importante fazer isso a partir da nossa profissão, usando as atividades e o trabalho em grupo para dar sentido ao acontecido. Estar atendo para o sofrimento do outro é de fundamental importância para todos os seres humanos, mas é principalmente importante para as pessoas que escolheram atuar no campo do cuidado. Ainda dialogando com a jornada do herói, essa talvez seja o ponto descrito como “O confronto com o Pai”, que geralmente é onde o herói enfrenta o vilão. Escolhi esta parte para identificar com “O confronto com o Pai” porque esse geralmente é o ato mais importante do herói, e considero esse o ato mais importante que tive no movimento estudantil.

Nessa cena, retorna o cuidado como importante dentro do movimento estudantil, aqui não só como aquela ética primeira que está na essência das pessoas, mais também como de fato um ato em si, usando a participação social e a possibilidade de troca também como possibilidade de cuidado. Entretanto, aquela atividade também era um ato para denunciar as circunstâncias do assassinado da Matheussa. Neste momento, estar em grupo era tanto para denunciar como a sociedades lidam com as minorias, quanto também para oferecer um ambiente de cuidado e elaboração da dor. Aqui podemos entender como se dá um cuidado que age em diferentes dimensões.

Tais práticas pressupõem sem dúvida, que cuidar (...) de alguém é mais que construir um objeto e intervir sobre ele, é na verdade, ser capaz de acolher, dialogar, produzir novas subjetividades, exercitar a capacidade crítica, transformar criativamente os modos de ver, sentir, pensar, já estabelecidos (BALLARIN; CARVALHO; FERIGATO; 2010, p.448-449).

Isso foi o mais importante pra mim. Só foi possível construir uma ação que atingisse o cuidado integral, porque foram ouvidos os alunos, os professores, os familiares. E a ação foi construída no diálogo entre todas as partes e durante os acontecimentos.

Cena 10: Perdendo a Dani

Ela foi a primeira pessoa que eu chamei pra chapa. Ela fez parte o Grêmio na escola, e foi a primeira pessoa que chamei para compor a gestão, também foi a pessoa que me fez a pergunta mais importante. Eu sabia que o estatuto do CATO não previa ficar sem gestão e por outro lado havia pouca movimentação entre os estudantes, mas precisava pensar em uma coisa muito importante, qual era a coisa mais importante para essa gestão precisava conquistar? Essa pergunta que ela me fez, guiou meu pensamento. O que a gestão precisava conquistar? O que ainda existia de importante para lutar? E como colocar isso em palavras para explicar a uma estudante do 3º período? A pergunta dela me fez refletir não só o que o CATO precisava fazer mas, o que eu poderia fazer pelo CATO. Mas essa pessoa, que foi tão importante para construir essa gestão, a pessoa que me fez pensar na importância dela, foi a mesma pessoa para a qual a gestão **contribuiu no seu adoecimento, que não conseguiu cuidar, que não fez ela se sentir parte do grupo.** A Dani desistiu e hoje não sei como mudar isso, fico pensando no que poderia fazer diferente, preciso fazer alguma coisa... Ainda não sei o quê.

Esse foi a primeira vez que tive a real dimensão do quanto a pressão de estar em um cargo de gestão no movimento estudantil poderia contribuir para o adoecimento de uma pessoa. Se até aqui já se discutiu as vezes que o movimento pode proporcionar espaço de cuidado, essa foi o oposto, e isso me mostrou que era preciso estar o máximo possível atento para cuidar das pessoas, e de nós mesmos.

A percepção de que houve um momento em que não foi possível cuidar, produziu sensação de impotência. Essa foi provavelmente a segunda coisa que me deixou mais afetado com essa situação. Eu até imaginava que as pressões da gestão pudessem gerar algum tipo de sofrimento, mas esperava que o grupo, por ter uma formação na saúde, iria perceber se algo acontecesse com um de nós nesse sentido. Mas não aconteceu, não percebemos o sofrimento ao nosso lado.

Em consonância com a cena 2, aqui está o contraponto das experiências antes citadas. Se anteriormente a participação e o movimento ganhou força diante da identificação, de ter uma ocupação em comum, aqui se deu de forma inversa. Mesmo que á primeira vista existissem mais elementos que nos aproximavam, esses não foram suficientes para a identificação. Talvez um dos elementos que expliquem isso, é a construção de um grupo, primeiro para atender uma demanda e depois para se identificar enquanto grupo. Segundo Costa e Castro-Silva (2008), a participação social “... esvazia-se de sentido, quanto mais se constitui em projeto protocolar”(p.288). A necessidade de respeitar o estatuto e construir uma

gestão, acabou nesse momento por esvaziar de significado o ato em si, e talvez isso tenha levado a essa ruptura.

Durante esse evento, não foi possível estabelecer estratégias de cuidado como “o ‘acolhimento-diálogo’, descrito como uma ‘técnica de conversa’ que evidencia as redes de trabalho afetivo onde há a produção do afeto e subjetividades e de reconstituição de laços sociais” (BALLARIN; CARVALHO; FERIGATO; 2010, p.447). Estratégias essas que talvez pudessem criar um ambiente mais acolhedor, com o qual o grupo se identificasse. Na jornada do herói, no segundo ato, tem uma passagem que se chama “a tentação”, geralmente é quando o herói passa por dúvidas: ou se sente tentado a mudar de lado e ir para junto do vilão, ou pensa em desistir. Isso retrata muito bem o que aconteceu comigo. Após este evento, pensei muito em desistir, porque pra mim eu havia falhado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo coerente com a metodologia aplicada nesse trabalho e a forma como ele foi escrito e, para além disso, sendo coerente comigo mesmo, não me cabe nesse capítulo tirar conclusões. Mas julgo necessário alguns desfechos e algumas reflexões, produzidas durante a “jornada do herói”. Nesta jornada, a última parte do segundo ato é a “Apoteose” que é quando o herói cumpre a missão. É neste momento que eu estou, sinto que desta vez a “missão está cumprida”, dei o meu melhor, combati o bom combate, terminei essa caminhada, e para mim essa passagem fica ilustrada porque há novos e antigos estudantes pensando em montar a próxima gestão do CATO. Esta, para mim, é a maior conquista que poderia desejar.

Os movimentos de militância são assim: ainda que não conquistem pautas específicas colocadas como reivindicação, deixam seu rastro, marcado por conquistas de participação social, atuação política de seus participantes e formação de novos integrantes; e são essas conquistas diárias que mantêm o movimento vivo, forte e atuante.

Também é preciso falar que este trabalho me mudou na medida em que eu o fui mudando. A cartografia me permitiu, ao longo da construção desse trabalho, ir me identificando com pessoas diferentes, a ponto de entender e perceber minhas próprias lembranças no movimento estudantil de formas diferentes. Fui construindo e reconstruindo um modo de ver e pensar o movimento estudantil, na medida em que ia avançando na pesquisa e dialogando os novos conhecimentos com a minha história vivida. Apesar da forma que esse trabalho tem hoje, que se assemelha bastante com o de outras metodologias de pesquisa – (INTRODUÇÃO, OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA, APORTE TEÓRICO, ANÁLISE) sua construção foi dinâmica, ora escrevendo embasamento teórico, ora refletindo sobre minhas próprias memórias. E esse caráter só foi possível diante do uso da cartografia.

As reflexões trazidas diante das cenas que me mobilizaram para participar e depois para pensar ações dentro do movimento estudantil contribuíram para me formar, foi através dessas experiências que foi possível pra mim experimentar a universidade. Diante disso, entendo que vai reverberar para toda a minha vida e não só na minha vida profissional. vendo agora não sei se é possível durante a formação em Terapia Ocupacional qualquer experiência que não seja constituinte sim de um corpo que pensa cuidado.

Diante disso, ainda é possível entender que não foi a formação ou o movimento estudantil que se modificaram mutuamente, ou que um tenha influenciando o outro.

Entretanto, surge uma terceira hipótese: diante de ter experimentado simultaneamente as duas experiências, há alguma coisa no interstício entre as duas que provocou um corpo a olhar para essa dimensão, esse olhar que possibilitou enxergar a potência que existe em viver experiências no movimento estudantil enquanto se forma um Terapeuta Ocupacional.

Pensando nisso, identifico que uma das muitas coisas que me mantiveram dentro da Terapia Ocupacional foi fazer parte do movimento estudantil. O longo da construção do trabalho, fui percebendo que uma das partes mais importantes de participar do movimento estudantil, é poder se identificar com os outros estudantes que também fazem parte, e isso acaba fortalecendo seus próprios laços dentro desses grupos. É a partir da participação social nesses grupos que também se possibilita a permanência, mesmo diante de todas as dificuldades e frustrações. Não se sentir parte do grupo que você pertence fragiliza esse membro.

Para finalizar, gostaria de pensar no terceiro ato da “jornada do herói” o retorno aqui o herói olha pra traz e passa a perceber duas coisas bem importantes, que o mundo dele ficou maior, e que ela não é mais o mesmo que partiu e também não é mais o mesmo que viveu a aventura, sim, foi uma aventura já olho pra minha história e percebe como as coisas mudaram, como conceitos antes são simples se tornaram tão importantes e fundamentais, mais tudo bem voltar não é o fim, a “jornada do herói” é um círculo sempre pronto para recomeçar.

7.BIBLIOGRAFIA

1. PALMA, M. G.; JAEGER, F. Um encontro com o movimento estudantil: cartografando frutos de luta. **scielo**, Canoas, 24 dez 2013. 74-83. Acesso em: 21 nov 2018.
2. CAVALARI, R. M. **Os limites do movimento estudantil - 1964-1980**. Dissertação (Dissertação em Educação) UNICAMP. Campinas , p. 289. 1987. (ISSN).
3. SANTANA, D. A. **Atuação do movimento estudantil no Brasil: 1964 a 1984**. Dissertação (Mestrado em Historia Social) USP. São Paulo, p. 284. 2007. (tde-23012008-113411).
4. MARTINS FILHO, J. R. **Movimento estudantil e ditadura militar 1964-1984**. São Paulo: PAPIROS, v. I, 1987.
5. FERNANDES , S. Um ano após primeira ocupação em SP, crescem a consciência e a participação. **Rede Brasil Atual**, 2016. ISSN ISSN. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/11/um-ano-apos-inicio-de-ocupacao-de-escolas-em-sp-alunos-crescem-em-consciencia-e-participacao-7852.html>>. Acesso em: 16 Ago 2018.
6. COSTA, S.; CASTRO E SILVA, R. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 283-291, jul-dez 2015. ISSN INSS.
7. PASSOS, E.; DA ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. **PISTAS DO MÉTODO Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4ª. ed. Porto Alegre: Sulina, v. I, 2015.
8. GALHEIGO, S.; ANGELI, A. D. A. C. D. Terapia Ocupacional e o cuidado integral a saúde de crianças e adolescentes: a construção do Projeto ACCALANTO. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 137-143, set/dez 2008. ISSN ISSN.
9. BALLARIN, M. L.; DE CARVALHO, F.; FERIGATO, S. Os diferentes sentidos do cuidado: considerações sobre a atenção em saúde mental. **O mundo da Saúde**, São Camilo, v. 34, n. 4, p. 444-450, out-dez 2010. ISSN ISSN.34(4):444-450.
10. VINADÉ, T.; GUARESCHI, P. A. Inventando a contra-mola que resiste: um estudo sobre a militância na contemporaneidade. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 68-75, dez 2007. Acesso em: 07 out 2018.
11. MATSUKURA, T. S.; LOPES, P. B. Perspectivas futuras sobre participação social na

ótica de adolescentes com paralisia cerebral e suas mães. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 19-26, Jan-abr 2018.

12. CAMPBELL, J. **O heroi de mil faces**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, v. I, 1997.

13. AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, A. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015.

14. WEBER, Lílian; GRISCI, Carmem Ligia Iochins; PAULON, Simone Mainieri. **Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas**. Cad. EBAPE.BR, v. 10, nº 4, artigo 4, Rio de Janeiro, Dez. 2012. p.841–857